

Narradores Sertanejos Enredados em Estórias e Amores: Guimarães Rosa e Dori Caymmi

O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte.

João Guimarães Rosa

O presente texto tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o diálogo, ou diálogos, entre o conto *Desenredo* de Guimarães Rosa e a música de Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro que leva o mesmo nome: *Desenredo*. Minerando as relações que a literatura estabelece com o ensino, o cinema, a música, as artes plásticas, a fotografia, o teatro e assim por diante. Esse diálogo entre música e literatura é antigo e remonta da origem dessas duas artes; muito se escreveu e teorizou a respeito disso, podemos pensar em Octavio Paz na obra *Arco e a Lira* (1984) para citar apenas um pensador. O trânsito entre as artes e o estudo das relações entre literatura, cultura e outras manifestações

artísticas é embasado nas teorias da identidade e na história das sociedades, bem como nas relações entre a sociedade e a política, a cultura de massa e a indústria cultural.

Buscaremos evidenciar em que medida estas duas formas de expressão artísticas se conversam e se convertem. Importante ressaltar aqui que o conto de Guimarães Rosa vem antes da música e que os dois compositores afirmam ter na obra de Rosa sua inspiração. Os textos que escolhemos são narrativas, ora em suporte melódico, canção, ora em suporte de texto, conto.

Do narrador aos seus ouvintes

A narrativa se estabelece como uma forma de vencer a morte, de sobrepor os dias, de transcender o tempo, partilhar experiências e percepções. O narrador, neste sentido, vence o tempo, pelo artifício da narrativa constrói memória; é pela narrativa que temos acesso à experiência

do narrador, é pelo narrar que se constrói a história. Em o **Orientalismo** Edward Said lembra o poder das narrativas, ao afirmar que as nações são a fim e a cabo narrativas. Assim, pelo ato de narrar se configura e reconfigura origens, estabelece tradições, cria e recria realidades. Vence o opressor, o altero, o colonizador, o tirano que lhe nega o sentimento de per-



Dagoberto Rosa de Jesus

Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

?@gmail.com

tencimento lhe atribuindo um signo de carência. O narrador traz e cria mundos. Ou no falar do judeu Walter Benjamin, o narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo, dito de outra forma, o narrador tem no seu ofício a arte de ser Deus, isso na medida em que controla o enredo e a narrativa de forma geral.

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselho não para alguns casos como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador infunde à sua substância mais íntima também aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador, em Leskov como

em Hauff, em Poe como em Stenvenson. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN, 2012, p. 240)

Entre os tantos pensadores da narrativa e do narrador, sem dúvida alguma o ensaio a respeito do narrador de Walter Benjamin tem se destacado de forma singular. Vítima do regime ditatorial, a história do mestre da Escola de Frankfurt também teve seus traumas. Em 1940 conclui um texto importante em que define o conceito de história. No mesmo ano, em vinte e seis de setembro se suicida fugindo dos

nazistas, em "Port Boll", fronteira Franco Espanhola. Após viver uma vida de dificuldades acentuadas pela guerra e pelo nazismo, deixou uma obra que serve de base para estudos e pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, inspira uma legião de intelectuais, pesquisadores e artistas no mundo, ainda em nossos dias. Benjamim é um dos grandes pensadores da filosofia e da estética, é lido por historiadores, educadores, estudiosos da comunicação, da literatura, das artes. Temas como modernidade, subjetividade, arte e sua produção e reprodutividade, os meios de produção e a cultura de forma geral.

O narrador traz o mundo à luz do leitor, cria e recria o vivido, ou não vivido, enreda histórias. O enredo e o desenredo se cruzam, se ressignificam, se revisitam.

A partir da escrita melancólica de Benjamim, temos um pensar sobre a obra de arte e também sobre o papel do narrador. Este contador de histórias que traz um mundo distante. Nos textos que buscamos trabalhar aqui a narrativa tece o seu fio, e o narrador é um elemento central. O narrador traz o mundo à luz do leitor, cria e recria o vivido, ou não vivido, enreda histórias. O enredo e o desenredo se cruzam,

se ressignificam, se revisitam. *Desenredo* de Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro tem uma conversinha mineira com Guimarães Rosa e seu conto do mesmo nome.

Nesses entrecruzamentos de enredos, o narrador transmite uma experiência através de uma superação, mesmo que essa superação seja uma maneira de ver, de narrar o velho de uma nova perspectiva. Ao desenredar uma narrativa se produz outra, ressignifica-se experiências. Na medida em que se desenreda uma história, cria-se outra ao passo que podemos dizer que enredar e desenredar são sinônimos, pois ambos compõem uma narrativa.

A palavra desenredo alude para o desfa-

zer, para o desconstruir, assim entramos na leitura do conto com essa chave que causa um estranhamento, posto que esperamos sempre que uma narrativa construa uma história. Podemos inferir que estamos diante de uma metanarrativa, ou de um metatexto. Essa afirmativa ganha tons na medida em que o conto se inicia destacando um elemento essencial da narrativa. "Do narrador a seus ouvintes:" (ROSA, 2009. P. 53)

Quando Penélope desenreda ou desfaz o seu tear, ela cria uma narrativa de espera do amado distante. Criando ou recriando assim uma outra história para si e para o herói da epopeia. Nesse labor, entre enredo e desenredo, podemos olhar e sentir o mundo narrado, ver por quais lugares estes narradores passaram e nos espantar com tudo que nos é mostrado. É a morte tecendo seu fio de vida feita ao avesso. Não tem como não ouvir ecos de Penélope ou da Moça Tecelã ou de Ariadne, dessa linha como metáfora de narrativa, como metáfora de vida. Essa linha pode ser tecida ou destecida, como fez Penélope ao construir sua trama de espera, como fez a Moça tecelã ao construir e

desconstruir sua história de amor. Como fez Ariadne ao oferecer ao Príncipe Teseu um novelo, que desvelou revelando um caminho, uma saída do labirinto. Narramos para sairmos dos labirintos.

Por toda terra que passo me espanta tudo que vejo

Como podemos constatar, temos o conto que deriva de uma música, temos a música sendo o ponto de partida de uma obra literária, mas isso não é regra, nem sempre é assim. Em um tanto de casos essas relações se dão das mais diversas formas e maneiras. Nos textos que analisaremos a seguir a relação entre literatura e música se deu de forma diversa, primeiro veio o conto de Guimarães Rosa *Desenredo* (1967) e depois a canção de Dori e Paulo César Pinheiro.

Rolando Boldrin em seu programa Senhor Brasil diz a respeito da família Caymmi, nos lembra que Dorival Caymmi e a cantora Stella Maris tiveram três filhos; Nana, Danilo e Dori. Os três a exemplo do pai



sempre cantaram a Bahia, seus cantos, recantos e emoções. Mas para atender e render homenagens a Stela Maris, a mãe, sendo de Minas Gerais, Dori com o auxílio luxuoso de Paulo César Pinheiro compõem “Desenredo” canção em que se canta as Minas Gerais. Minas que entre sonoridades e montanhas foi berço da poesia de Drummond, da prosa de Guimarães Rosa, da voz de Milton Nascimento entre tantos outros artistas.

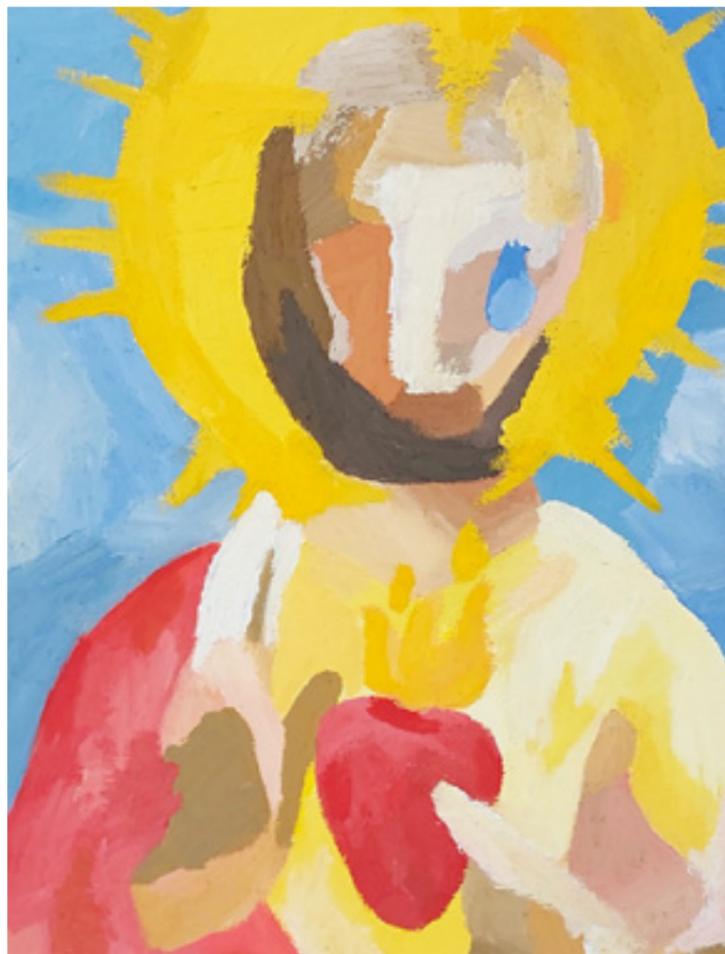
Dori Caymmi leitor de Guimarães Rosa tem no autor mineiro sua inspiração para compor a música, seguindo a mesma guisa, Paulo César Pinheiro, preenche a melodia com versos e rimas que tem no conto de Tutameia seu norte. *Tutaméia / Terceiras Estórias*, último livro de Guimarães Rosa, foi publicado pouco antes de sua morte. Este livro, a exemplo de toda a obra de Rosa, tem na linguagem uma força e um sabor próprio, composto de quarenta contos curtos e densos conta com quatro prefácios. Estes têm um valor a parte, e potencializam as leituras dos contos. Nessas narrativas curtas e breves temos uma seleta de textos extremamente elaborados, com uma densidade que exige do leitor uma atenção e maturidade, que é compensada pelo grau de literariedade do texto. Pensado aqui literariedade na perspectiva do poeta e crítico Erza Pound, para quem literatura é texto carregado ao grau máximo de significado. Logo na epígrafe do livro o aviso do filósofo alerta a respeito desse adjetivo dos contos, para os quais é preciso uma segunda leitura, para extrair do texto seu maior significado.

Daí, pois, como já se disse, exigir a primeira leitura paciência, fundada em certeza de que, na segunda, muita coisa, ou tudo, se entenderá sob luz inteiramente outra. Schopenhauer. (ROSA, 2009, p.11)

Paulo Ronai, contemporâneo e amigo de Guimarães, em prefácio a edição de *Tutaméia* nos deixa algumas impressões a

respeito desta seleta de contos, diz Ronai que a palavra “Tutameia” tem em seu eixo semântico algo com pouco valor, alguma coisa sem muita importância. Porém, também afirma que Guimarães lhe confidenciou que para ele esta seleta de texto tinha um grande valor, nela cada palavra foi pesada, pensada e medida. Esse labor que fala Ronai pode ser observado durante toda a tecitura do texto, desde a organização do sumário até a organização dos prefácios. Nessa trama composta de quarenta estória, uma delas é *Desenredo*.

No livro de *Gênesis* uma das primeiras sentenças que podemos ler é que no princípio era o verbo, o verbo se fez carne e habitou entre nós. Isso dá para nós, para nossa cultura, judaico, cristã e ocidental uma relevância muito grande para a palavra, o verbo. Nesse sentido é a palavra quem nos traz tudo. Nesse exercício do palavrear Guimarães Rosa cria *Desenredo*



Um conto em que a palavra e o narrar são os verdadeiros protagonistas. É pela linguagem que o narrador Jó Joaquim, com paciência de Jó, reescreve seu enredo e encontra a felicidade nos braços da mulher amada, que pela linguagem é salva.

Desenredo é a nona estória, conta as aventuras amorosas de Jó-Joaquim, é uma narrativa breve de poucas folhas, porém tem uma densidade. Narrado em terceira pessoa traz a história de um relacionamento entre o protagonista e uma mulher que num primeiro momento é casada. Na trama rosariana elementos como traição, morte, ciúmes aparecem, mas na narrativa a construção e a reconstrução do enredo que se destacam.

O narrador Jó Joaquim reestrutura o seu narrar para alcançar a felicidade, tendo como mola mestra o sentimento pela mulher o narrador amante, desenreda os fatos, cria outra história e alcança a felicidade. Pelo poder da palavra, da narrativa ele converte caráter e comportamento dos personagens. Pela palavra como o Deus da cultura judaico cristã cria um mundo. Retomando Benjamin, aqui Jó Joaquim “é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.”

Do narrador seus ouvintes:

– Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu. (ROSA, 2009. P. 53)

Como podemos observar, a força da mu-

lher está presente no enredo. Com elas, quem pode, porém? Se por um lado o narrador ressalta a força e o poder da mulher sobre os homens, ele também não tem preciso o nome da mulher, é como se ela ainda não estivesse clara em sua narrativa. Ao se apaixonar e se relacionar com a mulher, descobre que ela é casada, seu marido famoso pela valentia. Se encontram então como podem. Até acontecer o desmastreio. A mulher foi pega com um terceiro, outro amante, Jó Joaquim se sentiu traído.

Jó Joaquim, derrubadamente surpreso,

no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abusos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudo personagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude.

de. (ROSA, 2009. P. 54)

O narrador ao se ver traído, se imaginava único amante, afasta-se da amada por um tempo, amargando um sofrer. Mas como diz Rosa, o tempo é engenhoso, o marido morreu. Ao saber Jó Joaquim reencontra a mulher, e de repente casa-se com ela. Mas, como o viver é dinâmico, parafraseando, deu-se o abominoso, os tempos se parafrasearam-se. O narrador pega sua amada com outro. Nesse ponto temos um aspecto importante a ser observado, o conto inicia com um triângulo amoroso, e parece ter nele o seu equilíbrio, quando o protagonista casa-se com a amante, o equilíbrio parece ser rompido, aí a pre-

Ao se apaixonar e se relacionar com a mulher, descobre que ela é casada, seu marido famoso pela valentia. Se encontram então como podem.

sença de um outro amante para retomar o equilíbrio inicial. A mulher tem no triângulo amoroso o seu espaço de felicidade.

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou a mulher, a desconhecido destino. (ROSA, 2009. P. 54)

Jô Joaquim leva um tempo para perceber o que traz a felicidade à amada. E como não vê o desejo da amada, apenas sente a traição, e no fogo do tempo manda a mulher embora. Com a amada distante, sofre Jó Joaquim entregue ao sofrimento, busca revisitar seus sofrimentos, busca arquétipos, platoniza a mulher. E o narrador toma o seu lugar de narrar, de criar histórias e verdades. Para o estudioso búlgaro, o “contar equivale a viver” (TODOROV, 2003. p. 105) e como prova mais precisa disso ele cita a jovem Sherazade que “só vive na medida em que possa continuar a contar” (TODOROV, 2003. p. 105).

Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumpria-lhe descaluniá-la, obrigava-se por tudo. Trouxe à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que

Aristóteles a fundou. (ROSA, 2009. P. 55)

Nesse desenredo, o narrador cria uma nova mulher, uma nova realidade, mais alta, mais certa. O feito deu bem, sumiram as dúvidas e pontos de reticências, o tempo dissipou o nevoeiro e secou o assunto. Limpo e acético, surge a amada, salva pela palavra, pela narrativa de Jó Joaquim que com paciência criou o desenredo. Por fim, todos acreditaram, até a mulher. “Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento. (ROSA, 2009. p. 55). Por

fim, o amor vence, nas penas do narrador, que busca na narrativa formas de entender a dor, as pessoas, suas ações na trama do viver. Constrói assim um enredo que atende o seu bem viver.

O mundo todo marcado à ferro, fogo e desprezo

O conto de Guimarães Rosa vem primeiro e ressoa na canção que tem a letra de Paulo César Pinheiro.

Em 1976 quando Dori Caymmi compôs a música, num período em que ficou reestabelecendo de uma ruptura do tendão calcâneo, pede ao amigo e parceiro Paulo César Pinheiro que colocasse a letra na canção. Na fala do próprio Dori.

Deu aquela nostalgia. Quando veio tudo isso à memória, comecei a fazer os primeiros acordes de Desenredo. Além do mais, estava lendo Guimarães Rosa e me lembrei de uma música que minha mãe sempre cantava no Natal, que re-

Com a amada distante, sofre Jó Joaquim entregue ao sofrimento, busca revisitar seus sofrimentos, busca arquétipos, platoniza a mulher.



metia aos hinos de Ouro Preto. Foi assim que surgiu o refrão “É Minas/ É Minas/ É hora de partir/ Vou-me embora pra bem longe” (BRANT, 2014)

Para as reflexões que seguem vamos nos ater na letra da canção. Podemos dividi-la em três momentos. Os elementos da

trama do conto de Guimarães Rosa estão presentes na canção, a começar pelo narrador, que observa e traz o mundo até o leitor, o ouvinte. Parafraseando a pesquisadora Priscila Arantes (2005), ampliar a noção de interface nos permite, também, questionar fronteiras rígidas entre determinados conceitos tais como perto-longe, dentro-fora, natural-artificial, já que, nas

práticas artísticas nas mídias (se referindo ela às mídias digitais) e que aqui amplio para as demais, são colocados o tempo todo à prova.

Nos versos iniciais da canção temos esse olhar do narrador, que se espanta com tudo que vê, nesses versos já podemos perceber a presença da morte e da vida que é feita aos avessos. Ou seja, o enredo da vida pode se dar nos avessos, no desenredo. Porém o que mais prende esse cantador, ou narrador são as tramas do desejo da mulher amada. Motivo principal da prosa de Rosa.

Por toda terra que passo me espanta
tudo que vejo
A morte tece seu fio de vida feita ao
avesso
O olhar que prende anda solto
O olhar que solta anda preso
Mas quando eu chego eu me enredo
Nas tramas do teu desejo (Caymmi, D. e
Pinheiro, P. C. 2019)

Como no conto, a presença da figura da mulher se agiganta, “Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer.” (ROSA, 2009. p. 53). É nesse amor, nos enredos dessa mulher que tanto Jó Joaquim quanto o cantador se enredam. Nos versos de Paulo César Pinheiro também estão presentes as mazelas do amor e da vida, a transitoriedade de nossa existência, a luta do homem com suas escolhas. Nessas escolhas, podemos inferir uma referência direta ao personagem de Guimarães Rosa, que escolhe ressignificar as traições da mulher amada, recriar outro enredo, um desenredo.

O narrador tomado pelo amor à mulher e a despeito de tudo que ocorre, da valentia do marido, da morte do amante, da opinião do povoado, do que preceitua a sociedade, quando chega se enreda nas tramas do desejo, quando chega se per-

de nas tranças do segredo, quando chega se enrosco nas cordas do cabelo. O destaque maior é para a força que essa mulher exerce sobre o protagonista, as três estrofes que sustentam a canção tem nos dois versos finais a submissão do eu lírico a força dessa mulher. No conto, podemos observar como Jó Joaquim é atraído por este amor, e em nome dele reescreve a sua história. Alheio a todas as intempéries da vida, em que “a morte tece seu fio” quando o eu lírico chega, ele se vê enredado pela mulher amada.

Mas quando eu chego
Eu me enredo
Nas tranças do teu desejo
(...)
Mas quando eu chego
Eu me perco
Nas tramas do teu segredo
(...)
Mas quando eu chego
Eu me enrosco
Nas cordas do teu cabelo. (CAYMMI, D. e
PINHEIRO, P. C. 2019)

Nos três momentos, o eu lírico se enreda, se perde, e se enrosca, ora no desejo, ora no segredo e finalmente nos cabelos. Há uma gradação, essa gradação também está presente no conto; primeiro ele se apaixona e ocupa o lugar de amante, se enreda pelos encantos da mulher. No segundo movimento o marido pega a mulher com outro amante, revela o caráter adúltero da mulher amada, sua vocação para amantes, assim o protagonista se perde no segredo da mulher. O terceiro momento é marcado após a morte do marido, quando o protagonista consegue ter a mulher desejada de forma inteira, aí ele se enrosca, não mais em um desejo ou em um segredo, mas em seus cabelos. Ele casa-se com a mulher tão amada. Fecha essa tríade e abre-se outra; casamento, traição e reconciliação.

Considerações finais

No livro *O guardador de segredos* Davi Arrigucci Jr. (2010), ao falar de Guimarães Rosa relembra que se trata de um dos nossos maiores escritores e esta tarefa é sempre difícil. Acrescenta que lembra sempre da fala do menino Diadorim, personagem central de *Grande Sertão: Verdades*. “Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem”. E diante da afirmação de Arrigucci fico como o menino Riobaldo, com medo, mas seduzido pela aventura. E sem grandes pretensões tenho na leveza essa leitura.

O primeiro aspecto que chama a atenção é a questão metalinguística, temos a narrativa falando de si mesmo, isso já no título e no início do conto, em que é evocado a figura do narrador. Narrador, este, que é o protagonista do conto, seu protagonismo reside de forma incisiva na reconstrução de sua história. Ele pela narrativa ressignifica o comportamento da mulher amada, ele adultera por convicção, entre o enredo e o desenredo de Jó Joaquim deixa de figurar como adúltera e passa a figurar como santa.

Na canção temos um destaque para a força dessa mulher que consegue que o

homem, narrador, pelo recurso da linguagem, recurso do narrar, use de todos os artifícios para que ela possa ser aceita e amada. Alheio a toda dinâmica da vida e da morte, da tecitura do tempo o narrador sempre se enreda nos enleios da mulher. Afinal, “com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer.”

Estas duas obras, divididas por um período temporal de nove anos, influenciam e retroalimentam a produção da arte, dito em outras palavras como a força de um texto desencadeia a produção de outros textos, inspirando, guiando, iluminando novas produção. Tem sido assim na história da literatura e da arte de forma geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAZ, O. **O Arco e a Lira**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1984.

PINHEIRO, P.C. **Histórias das minhas canções**. São Paulo: Leya, 2010.

ROSA, J.G. **Tutameia** (Terceiras estórias). 9. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SAID, E. **Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente**. Trad.: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras: 2007.

TODOROV, T. **Poética da Prosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

